

A CONSTITUIÇÃO DISCURSIVA DE IDENTIDADES DE DOCENTES NEGRAS

Autora: Marluce Pereira da Silva

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

marlucepereira@uol.com.br

Coautora (1): Dione Marques Figueiredo Guedes Pereira

Instituto Federal da Paraíba – IFPB / Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN/PPGEL

dionemarquesf@gmail.com

Coautora (2): Carmen Brunelli Moura

Universidade Potiguar – UnP

carmenbrunelli@gmail.com

Resumo: Este trabalho recorta uma pesquisa concluída que objetivava analisar, em sequências linguístico-discursivas que compõem roteiros biográficos de professoras, com se dá o processo de constituição de identidades étnico-raciais, professores negros que atuam no ensino fundamental de escolas públicas situadas na região do Vale do Mamanguape. Adotou-se como questão norteadora da investigação: Como se traduzem na materialidade linguístico-discursiva nas narrativas de vida de professoras negras efeitos de sentidos que expressam focos de resistência quando essas, na tarefa de se livrar de identidades que estereotipam ou estigmatizam, buscam sua transformação, numa relação consigo mesmo? E como objetivo geral: analisar o processo de constituição de identidades em sequências linguístico-discursivas que compõem roteiros biográficos e narrativas dos professores negros. Como procedimentos metodológicos, utilizaram-se questionários e entrevistas para geração de dados junto a cinco docentes de escola públicas da Paraíba que se auto declararam pardos ou negros. Na realização das entrevistas, alguns percursos temáticos foram perfilhados, entre outros a trajetória profissional, o convívio familiar, a mobilidade social, a trajetória acadêmica e profissional, os arranjos afetivo-conjugais e as relações sociais. A investigação perfilha noções da análise do discurso francesa (AD) sobre discurso e interdiscurso e teorizações foucaultianas acerca de formação discursiva e ainda teóricos sociais. As análises preliminares permitiram apreender, nas narrativas de vida dos docentes, mecanismos discursivos que produzem sentidos acerca de atitudes de resistência desses sujeitos que se munem de estratégias que traduzem batalhas por eles travadas. As discursividades analisadas ainda indicaram que as professoras, ao constituírem suas identidades, instituem ou narram episódios atravessados por sentidos que contradizem efeitos de sentidos que elaboram a história destinada aos negros.

Palavras-chave: Identidades negras, Relações étnico-raciais, Docentes.

INTRODUÇÃO

O texto aqui apresentado traz resultados de uma pesquisa em que se objetivou perscrutar junto a professores negros de escolas públicas do vale de Mamanguape constituíam

discursivamente suas identidades atinentes ao seu pertencimento étnico-racial. Nos dias de hoje, o termo identidade se tornou um prisma por meio do qual diversos aspectos da vida contemporânea são situados, agarrados e examinados (BAUMAN, 2008, p. 178). A centralidade da identidade está relacionada a questões políticas, tais como pertencimento, etnicidade e nacionalidade. Associada a temas complexos, a identidade assume também sua centralidade nos meios acadêmicos, constituindo uma temática imprescindível em pesquisas que buscam uma reflexão crítica sobre o que somos e o que queremos ser.

Os estudos da linguagem, compreendida como prática social, também se revelam sensíveis para “pensar outras sociabilidades da vida social” (MOITA LOPES, 2006, p. 104) e a pluralidade cultural constitui uma delas, por se constituir uma característica importante em diferentes esferas sociais. Entre essas esferas, destaca-se o contexto escolar que se configura como um cenário favorável para a produção de práticas discursivas que podem validar sentidos que reforçam e produzem o reconhecimento ou não a essa pluralidade cultural.

A circulação e produção dessas práticas também atravessam os documentos oficiais, entre eles os Parâmetros Curriculares Nacionais que, nas seções destinadas aos conteúdos transversais, evidenciam a necessidade da inserção de temas vinculados à ética, orientação sexual, pluralidade cultural nas diversas áreas, e alertam, sobretudo, como o trato com questões sociais requer que os docentes sejam capazes, na emergência de eventos atinentes a práticas discriminatórias no cotidiano escolar, de responder a esses eventos com clareza e ações pontuais, permitindo que a escola, enquanto espaço de convivência de diversidade, promova reflexões sobre in/exclusão.

Face aos papéis sociais que são fortemente atribuídos ao professor, entre outros, promover a inclusão social, indagamos: de que forma é permitido ao professor negro expressar em suas narrativas de vida os significados que o seu pertencimento étnico-racial também lhes conferiu, obliterando quem sabe o direito de manifestar suas preferências, a escolha de suas identidades e, em alguns momentos, se verem “oprimidos por identidades aplicadas e impostas por outros?” (BAUMAN, 2005, p. 44). Dessas reflexões surgiu um dos propósitos para a pesquisa que nos levou a indagar: Como se traduzem na materialidade linguístico-discursiva das narrativas de vida de professores negros efeitos de sentidos que expressam focos de resistência quando esses, na tarefa de se livrar de identidades que estereotipam ou estigmatizam, buscam sua transformação, em uma relação consigo mesmo? Para isso, procuramos articular o linguístico com o social, o cultural e o histórico de modo que essas dimensões subsidiem as análises com vistas a apreender efeitos de sentidos que traduziram aspectos indiciadores do pertencimento étnico-racial dos sujeitos da pesquisa.

PERCURSOS METODOLÓGICOS

Para investigar a constituição de identidades de professores negros em narrativas de vida recorreremos à Educação, à História, à Antropologia, entre outras áreas de conhecimento. Buscamos apoio de autores do campo pós-estruturalista e dos estudos culturais cujas teorizações redimensionam a noção de identidades fixas e essencializadas. Nessa compreensão, situamos como perspectivas epistemológicas as contribuições de pensadores como Bauman (2005, 2008, 2009), Hall (2000; 2004; 2005), Foucault (1979a; 1979b; 1997; 2003; 2004), Pêcheux (1990) Munanga (2004), Gomes (2004).

Iniciamos a primeira etapa da investigação, à busca de colaboradores. Para isso, visitamos as escolas selecionadas com base na lista dessas instituições obtida junto a órgãos ligados às Secretarias de Educação do Estado e do Município de cidades do Vale de Mamanguape. Optamos por quatro instituições, adotando como critério de escolha as escolas de maior porte (em relação a números de professores e alunos), o que permitiu o contato com um percentual mais representativo de professores. Selecionadas as quatro escolas, estabelecemos contato com a direção e com o corpo técnico-administrativo, com vistas a definir alguns procedimentos, tais como: aplicação de um questionário com o propósito de elaborar um levantamento dos professores afrodescendentes que atuam nessas escolas e, a seguir, consultá-los acerca do seu interesse em participar da pesquisa.

As materialidades linguísticas geradas por meio do questionário e também por entrevistas foram analisadas a partir de noções teóricas da AD francesa, tais como interdiscurso, formação discursiva e de teorizações foucaultianas e pressupostos da produção de conhecimentos voltada para o estudo da linguagem e de teorias sociais.

Na busca de apreender sentidos que revelem a constituição de identidades étnico-raciais, analisamos as estratégias linguístico-discursivas produzidas em narrativas dos colaboradores da investigação. Ressaltamos que, para esse artigo, trouxemos trechos de entrevistas de professoras, não conseguimos professores para colaborarem com a pesquisa.

ROTEIROS BIOGRÁFICOS: O QUE CONTAM AS DOCENTES

Um dos itens existentes no questionário solicitava declaração do docente em relação à cor. Nesse item, alguns professores assinalaram parda – vocábulo empregado em pesquisas de censo populacional no Brasil, realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

– IBGE. Duas professoras que assim se posicionaram, justificaram a opção escolhida desse modo:

[...] na hora de preencher o questionário, acabei marcando a cor parda, porque a professora Lindalva me aconselhou dizendo: não, você não é negra, é moreninha, não fique triste não, não mulher não faça isso não! E eu disse: eu sou negra! (Rosa)

[...] no meu registro, tinha parda, como a mais morena lá de casa, era eu e meu pai dizia: não, você não é negra! Você é parda. Lá em casa não tem ninguém negro não. (Norma).

Nessas discursividades, percebemos a representação de identidades impostas e naturalmente flutuantes, como afirma Bauman (2005), “... a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto”. Apreendemos nos componentes linguísticos que se referem à cor a caracterização de uma produção de sentidos em que os interlocutores flutuam nas suas identidades étnico-raciais, colocando-se no raio da imposição ou deliberação de práticas discursivas circulantes nos meios sociais e que produzem sentidos em enunciados de outros sujeitos, conforme sentidos traduzidos pelo texto da professora Rosa: *não, você não é negra, é moreninha, você não é negra! Você é parda.*

A recusa da identificação da professora como negra é observada ainda na narrativa da professora Norma, materializada através da palavra “parda”, em substituição ao termo, negra que identifica matrizes identitárias de indivíduos a partir de seu pertencimento étnico-racial. Percebe-se que as professoras Rosa e Norma se inscrevem numa formação discursiva em que negam traços fenótipos de cor atinentes à negritude, sentidos apontados em passagens de seus textos, como por exemplo, o trecho utilizado por Norma: *lá em casa não tem ninguém negro não.* A docente, em outro momento de sua entrevista, ao ser indagada sobre a presença de alunas negras em sua sala, se utiliza desse enunciado: *Não, tem assim morenas da minha cor.* A docente, ao empregar o advérbio “não”, associado à expressão “morenas da minha cor”, corrobora com a sua fala anterior, em que ela não se inscreve discursivamente como negra,

No enunciado: *têm morenas assim da minha cor*, apreendemos sentidos indiciando que a professora se institui enquanto produção de identidade por ela/e a ela conferida. Esse fato é ratificado pela sequência linguística empregada em seu texto: *Agora eu tenho uma amiga Mara, ela é negra mesmo.* O advérbio “mesmo”, aqui materializado, expõe a maneira como a docente identifica o pertencimento racial de sua amiga, mas também a ambiguidade sobre o modo de ela se constituir identitariamente como- negra, de fato ao fazer uso da palavra -

“morena”, vocábulo que revela interdiscursividades de sentidos veiculados nos meios sociais com o propósito de repelir ou negar seu pertencimento.

No mesmo texto, Norma procura se eximir de tratar de assuntos atinentes aos negros, se percebendo despreparada para atuar discursivamente em relação à temática. Para isso, ela destaca a sua amiga - *Agora eu tenho uma amiga Luma, ela é negra mesmo, se você quiser eu tenho certeza que ela pode lhe ajudar, ela foi selecionada também no programa.* Essa perspectiva induz compreender que só são habilitados para se reportar a determinados traços de identidades da diversidade sociocultural, sujeitos subjetivados e que se subjetivam de acordo com as matrizes apontadas. Além disso, o discurso da docente repercute o afirmado nesse enunciado:

[...] alguns professores, por falta de preparo ou por preconceitos neles introjetados, não sabem lançar mão das situações fragrantemente de discriminação no espaço escolar e na sala como momento pedagógico privilegiado para discutir a diversidade e conscientizar seus alunos sobre a importância e a riqueza que ela traz à nossa cultura e à nossa identidade nacional. Na maioria dos casos, praticam a política do avestruz ou sentem pena dos ‘coitadinhos’ [...], (MUNANGA, 2005, p. 15).

No caso em análise, se refletem discursivizações com efeitos de sentido que refletem despreparo, mas também de desconforto, de intimidação para que a professora de forma que a professora passe a negar as suas matrizes de identidade étnico-raciais.

Nas indagações sobre a trajetória escolar, as docentes, assinalamos excerto de mecanismos discursivos que perpassam por questões étnico-raciais e sociais, como se, apreendem nos relatos em que as professoras inscrevem suas identidades:

[...] Aos quatorze anos, tinha um professor de matemática que se interessou por mim. Eu fiquei satisfeita em saber disso, eu tinha essa expectativa de que alguém se interessasse por mim [...]. Na aula de educação física, o professor chamava para exemplo dos exercícios físicos, as meninas brancas e mais bonitinhas. (Rosa)

[...] É assim? Tudo bem, tão falando da minha cor, mas vou me sair muito bem nos estudos e aí eu estudava e era a primeira em tudo, me sentava na frente. Por isso me fez estudar muito pra mostrar que não era a minha cor... Eu sentia nas brincadeiras, mas eu procurei estudar mais para ser a melhor. [...] sempre procurei me superar, querendo falar mais e dizer: Épa, sou negra, mas tô aqui ! Sempre tive boas notas. Sempre fui muito boa. Olha, sou negra! Mas eu tô aqui !(Norma).

Ao se interpretar o discurso de Rosa, é possível apreender efeitos de práticas discursivas que expõem a dificuldade dos negros, mas especificamente nas relações afetivas, daí a sua satisfação em encontrar alguém que a amasse, independentemente de suas marcas de

identidade étnico-raciais. A forma de tratamento atribuído a ela pelo professor aflora a sua dignidade e a introduz nas relações de convivência com outras meninas diferentes dela. Percepção verificada pela materialidade discursiva desse enunciado: *Na aula de educação física, o professor chamava para exemplo dos exercícios físicos, as meninas brancas e mais bonitinhas*. Porém, deve se ressaltar que, mesmo satisfeita com a sua inserção nos espaços de convivência das outras colegas de escola, Rosa se constitui em uma formação discursiva que ratifica sentidos de que a compleição física do negro é feia, para ela, já que o professor, ao se referir às “meninas brancas” como “mais bonitinhas” e, por isso, eram indicadas como monitoras dos exercícios das aulas de educação física em sua escola.

De modo distinto ao que pode ser traduzido, por essa investigação, em trechos da fala da professora Norma, há itens lexicais que apontam sentidos acerca das batalhas identitárias, da luta, de resistência enfrentadas, historicamente, pelos negros na constituição de suas identidades.

Os discursos da docente (re)produzem práticas veiculadas na sociedade, ao expor, em certa medida, a máscara do racismo diante de pessoas que comprovadamente possuam méritos educacionais e/ou capital financeiro. Os sentidos dos recursos linguísticos proferidos pela professora à entrevistadora: *Êpa, sou negra, mas tô aqui*, produzem sentidos da mobilidade social que ela conquistou a partir do meritocracia. Interpretação reforçada se esses sentidos forem examinados de modo associado com os de: *sempre tive boas notas. Sempre fui muito boa*. E, ao final, enfatiza - *Olha, sou negra! Mas eu tô aqui!* Ao se refletir sobre essa ênfase assumida pela entrevistada, nessa sequência linguística, nos possibilita a indagar, por que em outro momento de sua narrativa, Norma não se admitiu enquanto de cor negra, assumiu-se parda ou morena?

Nos tópicos analisados, podemos perceber que as participantes revelam a utilização de técnicas do conhecimento de si, através do “O autoconhecimento, pois, aparece como algo análogo à percepção que a pessoa tem de sua própria imagem na medida em que pode receber a luz que foi lançada por trás de um espelho” Larrosa (1994, p.59).

PALAVRAS FINAIS

Após a análise preliminar dos relatos das docentes, evidenciamos que se registram nas histórias contadas pelos participantes os conflitos por elas enfrentados na constituição de suas identidades relacionadas ao seu pertencimento étnico-racial. Nos relatos das professoras, pudemos apreender que elas se inscrevem em diferentes formações discursivas diante da

necessidade da aceitação ou nas batalhas identitárias que são travadas cotidianamente, em diferentes percursos por elas trilhados.

As questões atinentes a traços fenotípicos são fortemente evidenciadas pelas colaboradoras da pesquisa que apontam a cor como elemento definidor do seu pertencimento, às vezes, com efeitos de sentidos que negam, ou com sentidos ambíguos, ora são negras, ora são morenas, ora o negra é a outra.

As materialidades linguísticas que compõem o relato dos/as docentes evidenciam sentidos que revelam a premente necessidade de que os sistemas de ensino e os organismos de representação social têm em traçar estratégias de combate às questões decorrentes dos conflitos sociais que permanecem presentes na escola.

De certa forma, a escola reflete o preconceito especialmente nas questões raciais que, silenciosamente, materializa nos discursos institucionalizados ou não, práticas discriminatórias, resultantes de ideias preconcebidas. É necessário desconstruir, no ambiente escolar, especialmente para os/as professores/as que atuam na educação infantil e ensino fundamental, ideias e discursos equivocados sobre conceito de raça/etnia bem como ações de combate às práticas discriminatórias.

As narrativas mostram o envolvimento de outros sujeitos que atravessam o processo de formação discursiva na construção de identidades dos entrevistados, no tocante aos diversos aspectos, em suas relações interpessoais no seio de suas próprias famílias ou nos grupos familiares de seus cônjuges. Transparecem nessas materialidades linguísticas efeitos de sentidos que assinalam intransigência, (in) tolerância, violência simbólica com os diferentes, pessoas de cor negra nos espaços de convivência familiar das depoentes, ou a indivíduos agregados às famílias, situação exemplificada no texto de Beatriz. Percebe-se, nos depoimentos, a convivência com atitudes de constrangimento recorrentes no cotidiano dos sujeitos referenciados nas narrativas.

Vale ressaltar o posicionamento da professora Beatriz, ao identificar a moça que com ela e seus familiares convivia - *era bem pretinha, pretinha mesmo! Do cabelo enrolado, crespo mesmo*. Os sentidos desses recursos linguísticos traduzem a ideia de constituição do negro, por meio de seus traços biológicos, fenotípicos, o que não indica estranheza, dadas as práticas discursivas predominantes nesse aspecto que circulam os meios sociais. Entretanto, o texto da docente (re) produz efeitos discursivos de preconceitos, concretizados nesses itens lexicais: *eu olhava assim prá ela e tinha hora que eu via como pessoa, é incrível*.

De acordo com essa percepção, um sujeito com as características descritas pela professora não seria considerado pessoa, ser humano? Como, então é percebido por ela um aluno em sua sala de aula que apresente semelhantes marcas identitárias?

Considerando os interdiscursos que intervêm nas narrativas das colaboradoras, percebemos sentidos pejorativos que inferiorizam o negro dentro de seus próprios ambientes de convivência diária com suas famílias. Situação experienciada de diversos aspectos, materializada através de recursos linguísticos que impingem subjetivações dessa natureza e que se encontram nos textos das depoentes, como por exemplo: “cabelo de bucha”- “cabelo de tontoin” e “nega”, todos referentes aos traços fenótipos de sujeitos subjetivados por sujeitos que assim agiam e por aqueles que, desse modo, continuam atuando.

Na entrevista da professora Beatriz, além das práticas de discriminação, registram-se atitudes desconfiança e humilhação de familiares seus em relação sua fidelidade conjugal. Discursivizações, comumente empregadas pelo senso comum para refutar a inserção de crianças negras no seio de famílias consideradas brancas. Sentidos expressos nessa sequência linguística, extraída do depoimento da docente: *esse daí é filho do urso; esse menino mesmo não é filho do meu irmão, não.*

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada** - vidas contadas, histórias vividas.

Rcontadas, histórias vividas. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995b, p.231-49.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, 10. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas-SP, Mercado das Letras: 2002.

MUNANGA, Kabelenge. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PECHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP. Pontes Editores, 2006.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** Campinas-SP: UNICAMP, 2007.

Larrosa, Jorge. **Tecnologias do eu e educação.** In: SANTOS, Tomaz Tadeu da. (Org). **O Sujeito da Educação** - Estudos Foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994a.